

EDUCAÇÃO E TEMPORALIDADES: ENTRE MEMÓRIAS, RUPTURAS E AS INVENÇÕES DO FUTURO

O presente dossiê, intitulado **Educação e temporalidade: entre memórias, rupturas e invenções do futuro**, surge das discussões provocadas pelas necessidades contemporâneas de (re) pensar as formas de ensinar, aprender e formar professores em um tempo cronológico marcado por transformações tecnológicas, políticas, culturais e de disputas de sentidos. Esse cenário nos convoca para reflexões sobre a educação como prática atravessada por múltiplas temporalidades, nas quais passado, presente e futuro se entrelaçam de modo complexo.

Pensar a educação a partir dessas conexões temporais implica interrogar permanências que resistem, rupturas que tensionam e inovações que reconfiguram os modos de existir, ensinar e aprender. Além disso, convoca educadores a proporem uma educação coerente com a formação humana ética, inclusiva e transformadora para as próximas gerações. Tal movimento exige atenção às tradições que ainda produzem sentidos, bem como às urgências do tempo presente, especialmente diante das transformações que incidem sobre a formação docente e as práticas pedagógicas.

Este dossiê, organizado pelas professoras Dr^{as}. Francielle Pereira Nascimento e Daiane Leticia Boiago, do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Campus Regional de Cianorte (PR), reúne contribuições que dialogam com essas questões, oferecendo diferentes olhares teóricos e experiências formativas. Os textos aqui apresentados tensionam as temporalidades na educação e convidam à compreensão do ato educativo como prática social, histórica e política, aberta à memória e à invenção de futuros possíveis.

O dossiê é aberto pelo pesquisador **José Dias** (UNIOESTE) com o texto *Educação nas fronteiras do tempo: instituições escolares no norte e noroeste do Paraná*. Trata-se de uma resenha da obra *Instituições escolares no norte e noroeste do Paraná: história e memória*, organizada pelos professores e pesquisadores Marli Delmonico de Araujo Futata, Daniel Longhini Vicençonni e Cezar De Alencar Arnaut de Toledo, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O autor nos convida considerar a relevância dos estudos históricos sobre instituições escolares como forma de compreender os processos de constituição educacional no território paranaense,

articulando pressupostos da História da Educação a investigações empíricas sobre escolas urbanas e rurais. A reflexão valoriza as memórias locais, as fontes históricas e as relações entre educação, religião, política e sociedade.

No que se refere às relações entre educação e as transformações contemporâneas resultantes dos avanços das tecnologias digitais, alguns textos contribuíram de forma significativa para pensarmos sobre perspectivas do presente e futuras acerca da formação de professores. O debate é inaugurado por **Luciana Grandini Cabreira e João Luiz Gasparin (UEM)**, no artigo *A cada período histórico, uma resposta educacional*, no qual os autores problematizam as respostas educacionais produzidas em distintos contextos históricos. Ao analisar o ensino remoto e híbrido, intensificados durante a pandemia da Covid-19, o texto evidencia os desafios da educação básica, especialmente no que se refere à formação docente para o uso crítico das tecnologias digitais. Os autores propõem a noção de “quebra das máquinas”, aproximando resistências históricas às inovações técnicas das controvérsias atuais sobre a plataformação da educação, reafirmando a educação como prática historicamente situada e tensionada por permanências, rupturas e disputas ético-políticas.

Os pesquisadores **Flávio Rodrigues de Oliveira e Francielle Pereira Nascimento (UEM)** em *Educação Básica e Tecnologias Digitais: reinvenção na formação de professores*, nos convidam a problematizar a formação de professores na Educação Básica em tempos de cibercultura, tomando as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação como produções histórico-sociais e não como meros instrumentos técnicos com valor utilitário à prática pedagógica. O artigo coloca em debate os limites e as possibilidades da incorporação das TDICs e da Inteligência Artificial na docência e defende uma formação docente orientada pela ética, criticidade e justiça social, compreendendo o digital como campo de disputas e de possibilidades emancipatórias no presente.

O texto *Tecnologia, Temporalidades e Formação Docente: leituras críticas da Inteligência Artificial na Educação* do autor **Flávio Rodrigues de Oliveira (UEM)** vai ao encontro das premissas anteriores ao questionar a naturalização de orientações tecnocráticas e corporativas que reduzem a tecnologia a um dispositivo neutro e operacional. O autor evidencia os riscos da plataformação, dataficação e fragilização

da autonomia docente, nos convidando a refletir sobre modelos formativos comprometidos com a função social da escola e com práticas pedagógicas críticas e humanistas, nas quais a tecnologia seja subordinada aos fins educativos, respeitando as temporalidades do trabalho docente e a historicidade da formação humana.

As pesquisadoras **Creuza Martins França, Diene Eire de Mello e Heliane Aparecida Araújo (UEL)**, no artigo *O sentido da práxis pedagógica: uma experiência formativa com o uso de tecnologias digitais na educação*, direcionam o nosso olhar para a compreensão da práxis como atividade transformadora, capaz de materializar experiências formativas que articulem reflexão teórica, planejamento didático e consciência crítica no uso das tecnologias, em favor da formação humana. Ancorado na perspectiva crítico-dialética, o estudo analisa de que modo os elementos da didática podem contribuir para a superação da dicotomia entre teoria e prática no trabalho docente.

Os pesquisadores **Renata Melissa Boschetti Cabrini (UEL) Andrieli Dal Pizzol (UFMS-CPAR) Camila Fernandes de Lima Ferreira (UEL) e Célio Manfré Filho (UEL)**, no artigo *Ambiências formativas na pesquisa educacional brasileira (2020–2025): permanências, rupturas e invenções em perspectiva teórico - metodológica* analisam o conceito de Ambiente Formativa especialmente no campo da formação continuada de professores. Ao evidenciarem a Ambiente Formativa como um movimento epistemológico em permanente construção, no qual se articulam dimensões técnicas, relacionais e simbólicas da docência, os autores nos convidam a pensar sobre a centralidade da autoria e da colaboração, da mediação tecnológica e da dimensão ética e emancipatória das práticas formativas.

Na continuidade das reflexões mobilizadas até aqui, as pesquisadoras **Mariana Viana Niziolek e Nathalia Martins Beleze (UEL)**, no artigo intitulado *Formação de professores com as tecnologias digitais: experiências de autoria e parceria intelectual* nos convocam a refletir sobre os modos pelos quais as tecnologias digitais podem ressignificar as práticas pedagógicas na formação continuada de professores, especialmente na Educação Infantil. A partir de uma pesquisa-intervenção e Ancorado na Teoria da Cognição Distribuída, o estudo evidencia que as tecnologias digitais podem extrapolar seu caráter técnico, constituindo-se como mediadoras culturais que favorecem a construção coletiva do conhecimento.

Os autores **Frans Robert Lima Melo (UNESPAR)** e **José Aparecido Celorio (UEM)**, a partir do texto *Inovação pedagógica para o século XXI: o Pensamento Computacional Desplugado como possibilidade de ensino para a Educação Física* também exploram as potencialidades do trabalho pedagógico a partir de tecnologias, entretanto, com uma particularidade: o uso do Pensamento Computacional Desplugado. . Ancorados no Construcionismo e da Psicologia Histórico-Cultural, os autores provocam reflexões acerca das possibilidades pedagógicas a partir dos fundamentos da Ciência da Computação nas aulas Educação Física na Educação Infantil sem a necessidade de máquinas, computadores ou outros recursos de informática; envolvendo assim, práticas e atividades que exploram conceitos tecnológicos por intermédio de métodos não digitais.

No que se refere a um olhar sobre os desafios da educação do tempo presente atravessada por múltiplos fatores temporais e complexos, **Esther Augusta Nunes Barbosa e Gustavo Libério de Paulo (UFMG)** em *Entre a prosa, o preparo e a prática: reflexões e desafios da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva* nos impulsionam a refletir sobre inclusão na educação básica como um campo repleto de atravessamentos históricos, políticos e pedagógicos, marcado por memórias de exclusão e pela persistência de desigualdades estruturais. Os autores propõem reflexões sobre possibilidades de práticas inclusivas, enfatizando que sua efetividade depende da articulação entre políticas públicas, condições de trabalho docente e organização pedagógica da escola.

Nesta perspectiva, os pesquisadores **Letícia Ayumi Alves e Deivid Alex dos Santos (UEL)**, evidenciam resultados da sua pesquisa e propõem alternativas pedagógicas em *Transtorno Opositor Desafiador (TOD) na educação inclusiva: estratégias pedagógicas, lacunas e tendências*. O texto demonstra o crescimento do interesse acadêmico sobre o tema, especialmente nos últimos anos, ao mesmo tempo em que aponta a persistência de lacunas significativas na formação docente, na formulação de políticas públicas e na sistematização de práticas pedagógicas específicas. Os autores evidenciam a disciplina positiva, a atuação de equipes multidisciplinares e as tecnologias assistivas como caminhos para a inclusão escolar, convidando à reflexão sobre a necessidade de abordagens pedagógicas éticas, contextualizadas e comprometidas com a garantia do direito à educação inclusiva.

Em consonância com essas discussões, o texto *Educação para o amanhã incerto: Hand Talk, entre Memórias que Ancorem e Futuros a se Inventar* dos pesquisadores **Paulo Vinícius Trevisan, Ana Carolina P. do N. Cardoso, Ricardo Ernani Sander e Adriana da Silva Fontes (UTFPR- Campo Mourão)** defendem uma educação voltada à construção de uma sociedade bilíngue e inclusiva. Na medida em que o texto problematiza o lugar das mediações tecnológicas entre surdos e ouvintes, somos convidados a refletir criticamente sobre o uso das tecnologias digitais na educação de surdos, tomando o aplicativo *Hand Talk* como objeto de análise no contexto da disciplina de Libras.

Ao pensar sobre perspectivas de trabalho pedagógico fundamentadas em concepções teóricas–metodológicas e teóricas-práticas que subsidiem e possibilitem o planejamento, a proposição e objetivação do trabalho educativo, **Mateus de Medeiros Souza Gomes (UFAL) e Cátia Veneziano Pitombeira (PUC-SP)** relatam uma experiência de ensino-aprendizagem de língua inglesa com a utilização da metodologia ativa Rotação por Estações. A partir da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa, o texto *Rotação por estações e Epistemologia da Complexidade: uma experiência no ensino de língua inglesa na escola pública*, mobiliza uma reflexão sobre a experiência docente como eixo analítico para compreender o fenômeno educativo em sua natureza não linear e multidimensional, instigando a reflexão sobre práticas pedagógicas que reconhecem a complexidade da sala de aula e papel do professor como mediador de experiências formativas significativas.

Também no campo das práticas pedagógicas construídas a partir de experiências de intervenção, no artigo *Mediação literária com bebês: perspectivas e reflexões a partir de uma experiência de estágio*, as pesquisadoras **Cristiane Cazellato Marioto, Geuciane Felipe Guerim Fernandes e Estéfani Dutra Ramos (UENP)** propõem uma reflexão sensível e fundamentada sobre a mediação literária com bebês, tomando como eixo uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado Obrigatório em Educação Infantil. O texto desloca concepções utilitaristas de leitura e nos convida a reconhecer a literatura como prática constitutiva da comunicação emocional, da linguagem e da inserção cultural na primeiríssima infância, assim como, a pensar o livro, a voz que narra, o espaço e o planejamento

docente como mediações intencionais que ampliam repertórios, produzem sentidos e inauguram processos de humanização desde os primeiros meses de vida.

Ainda neste debate, **Giovanna Bilar Rodrigues, Vitória Cristina Paesca e Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)**, em *O diálogo entre as práticas literárias e o brincar de faz de Conta na Educação Infantil: uma revisão bibliográfica*, evidenciam que as vivências literárias, mediadas de forma intencional pelo professor potencializam a imaginação, a criação e a complexificação da brincadeira de faz de conta. Nesse sentido, as autoras convocam professores e pesquisadores a repensarem o lugar da literatura infantil na Educação Infantil, destacando o planejamento e as mediações pedagógicas como dimensões centrais para a promoção de vivências educativas comprometidas com o desenvolvimento humano e com a escuta sensível das infâncias.

No que tange às reflexões sobre as inovações pedagógicas, os pesquisadores **Edimar Aparecido da Silva, Alana Paula de Oliveira e Yoshie Ussami Ferrari Leite (UNESP)**, no artigo intitulado *Sistemas Privados de Ensino: espaço para práticas pedagógicas inovadoras?* propõem uma análise crítica da adoção dos Sistemas Privados de Ensino, em especial dos Sistemas Apostilados de Ensino, problematizando o discurso que os apresenta como práticas pedagógicas inovadoras. Ao longo do texto, os autores convidam os leitores a questionarem a naturalização desses modelos nas redes públicas e privadas de ensino, instigando uma reflexão crítica sobre os sentidos atribuídos à inovação educacional. Nesse movimento, reafirmam a autoria docente, o pluralismo de práticas e o compromisso ético-político com uma educação democrática, criativa e sensível às diversidades dos sujeitos e dos contextos escolares.

As pesquisadoras **Simone Burioli, Camilly Aparecida de Souza Francisco, Denise Gomes dos Santos e Mariah Phelipini (UEL)**, no artigo *Da educação da mulher à Lei nº 14.986/2024: percurso de uma inovação curricular*, dialogam com diferentes períodos históricos, evidenciando como a educação se constituiu simultaneamente como espaço de desigualdade de gênero e de luta pela ampliação do protagonismo feminino. As autoras apresentam a promulgação da Lei nº 14.986/2024, um marco político-pedagógico de reconhecimento e reparação histórica. Nesse movimento, convidam os leitores a refletirem criticamente sobre o currículo

como espaço de disputas e a enfrentarem, enquanto educadores, as resistências estruturais, assumindo a construção de práticas educativas comprometidas com a equidade de gênero, a pluralidade de narrativas e a valorização das mulheres como produtoras de conhecimento.

No artigo *Para além do presentismo: Educação Histórica e Consciência Histórica como antídotos à fragmentação curricular e à retrotopia do passado*, o autor **Arthur Henrique Lux (UFPR)** problematiza os efeitos das reformas curriculares recentes, especialmente a BNCC e a Lei nº 13.415/2017, sobre o ensino de História e sobre a formação da consciência histórica. A partir da análise da racionalidade gerencial e utilitarista que atravessa essas políticas, o autor nos instiga a pensar como a fragmentação curricular e a diluição da especificidade epistemológica da disciplina favorecem regimes temporais empobrecidos, marcados pelo presentismo e pela idealização retrotópica do passado. Assim, propõe uma reflexão sobre a Educação Histórica e a literacia histórica como perspectivas de resistência teórico-pedagógica, reafirmando a função crítica e formativa da História.

Os pesquisadores **Daniel Longhini Vicençonni e Marli Delmonico de Araujo Futata (UEM)** no texto *Educação em Walden de Henry David Thoreau (1817-1862)* analisam os aspectos educacionais presentes em *Walden, ou a vida nos bosques*, de Henry David Thoreau, evidenciando uma concepção de educação orientada pelo autoconhecimento, pela emancipação espiritual e pela crítica à formação instrumental própria da sociedade capitalista do século XIX. Ao dialogar com o transcendentalismo norte-americano, o texto evidencia a centralidade da experiência, da simplicidade e da leitura como práticas formativas que promovem a elevação intelectual e ética do sujeito. Nesse sentido, os autores propõem uma reflexão sobre os sentidos contemporâneos da educação, problematizando a primazia da instrução técnica e utilitarista e reafirmando a formação humana como um processo ético, espiritual e experiencial.

No artigo “**‘Dando forma’ à ideia/conceito de matriciamentos... há muito pensado**”, Lúcia Maria Vaz Peres (UFPEL) aprofunda o conceito e o articula ao imaginário, arquétipos, às narrativas de vida e à formação humana à luz das contribuições de Carl Gustav Jung, Gilbert Durand e Marie-Christine Josso. O texto nos convoca a deslocar nossos olhares excessivamente racionalistas e instrumentalizados da formação, reconhecendo a potência do imaginário, da

interioridade e dos saberes indiretos como dimensões constitutivas da experiência humana e educativa. Ao afirmar o matriciamento como horizonte de leitura da (auto)formação, a autora suscita reflexões sobre a formação para além das técnicas e métodos, assumindo-a como processo simbólico, existencial e ético, atravessado por memórias, ancestralidades e projetos de vida em devir.

dossiê é concluído com o texto *Gênero, Sexualidade e Interseccionalidade nos currículos dos cursos de Pedagogia do Instituto Federal do Paraná: um estudo introdutório*, dos autores **Luana Mayer Karolus e André de Souza Santos (IFPR)** que analisam criticamente a presença e, sobretudo, as ausências dessas temáticas nas ementas dos cursos de Pedagogia do IFPR. Fundamentados nos estudos de gênero, da sexualidade, da interseccionalidade e da teoria curricular, o artigo problematiza os silenciamentos institucionais e curriculares. Os autores nos mobilizam a pensar sobre a inserção de componentes curriculares específicos e a transversalização da interseccionalidade como caminhos para a qualificação da formação docente, destacando o papel estratégico de instâncias colegiadas e órgãos institucionais na construção de práticas educativas comprometidas com a equidade, o enfrentamento das violências e a valorização da diversidade.

Este fechamento se constitui, portanto, como um convite ao encontro com as múltiplas temporalidades que atravessam a educação. Sem a pretensão de esgotar a complexidade das análises desenvolvidas pelos autores, esta apresentação se coloca como um convite ao aprofundamento das leituras e à reflexão crítica sobre os modos de ensinar, aprender e formar professores em um contexto marcado por transformações tecnológicas, culturais e políticas. Espera-se que o dossiê contribua para ampliar compreensões, provocar deslocamentos e fortalecer práticas educativas éticas, inclusivas e comprometidas com a construção de uma educação sensível às demandas do tempo presente e às responsabilidades com as gerações futuras.